



# CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 0209 /17.

AUTOR: **Vereador Rafael de Angeli**

**DESPACHO:**

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

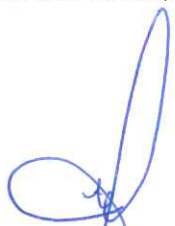
Araraquara, 16 MAR. 2017

\_\_\_\_\_  
Presidente

Requeiro, nos termos do **Artigo 211-A**, do **Regimento Interno**, que fique constando nos anais desta Casa de Leis, a matéria publicada na revista "*Kappa Magazine*", em sua edição de 08 de março de 2017, ano 7, edição 130, matéria publicada da página 50 à 53, sob o Título "*Ela foi uma das últimas a cair*".

Dê-se conhecimento desta deliberação ao Homenageado, bem como ao responsável pelo jornal.

Sala de sessões Plínio de Carvalho, 15 de março, de 2017.

  
**Rafael de Angeli**  
Vereador

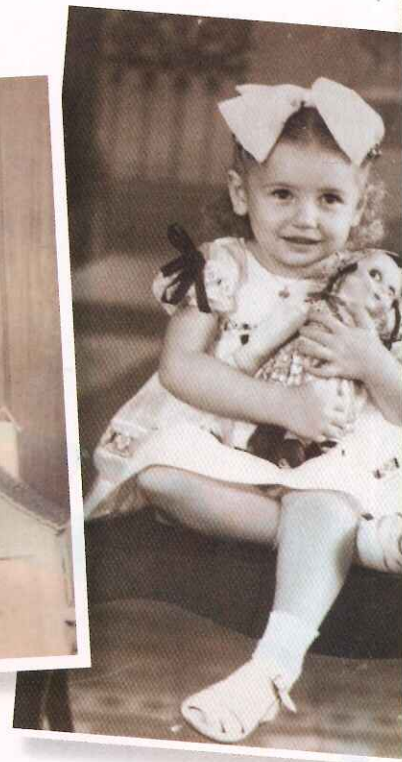
Aprovado	02 MAIO 2017
Araraquara	_____
_____	_____
Presidente	



Luiza Garlippe (sentada, no centro): Tuta se formou em enfermagem em 1964



Armando Garlippe com a esposa Acary, o garoto Saulo e Tuta, com a irmã Marli no colo, na década de 50



Tuta com 2 anos

# “Ela foi uma das ÚLTIMAS A CAIR”

*A araraquarense Luiza Augusta Garlippe, a Tuta, é símbolo da resistência e da luta contra a ditadura militar*

Por Marcia Bessa Martins  
Fotos arquivo pessoal

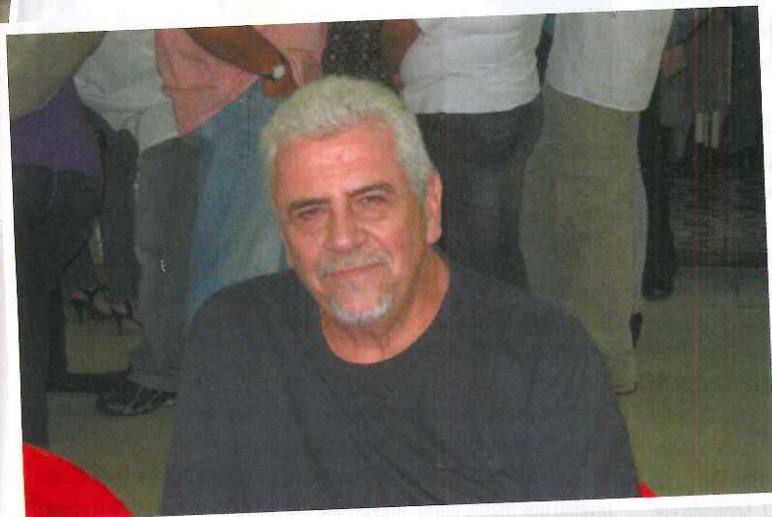


Uma jovem araraquarense de classe média, filha de ferroviário, entrou para a história e para uma extensa lista de mortos e desaparecidos durante a ditadura militar brasileira

desencadeada pelo golpe de 1964. Seu algoz confesso, Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curió, hoje com 78 anos, disse há pouco mais de uma década, em entrevista, que ela foi uma das últimas guerrilheiras do Araguaia a cair. Ela tinha 32 anos.

Luiza Augusta Garlippe, a Tuta Garlippe, fez parte de uma geração de jo-

vens que viveu em uma época em que discordar era crime, numa época de cassação de direitos civis, censura à imprensa, repressão violenta das manifestações populares, assassinatos e torturas. Boa parte da população, no início confusa e receosa, depois desinformada pela repressão à imprensa, acabou se acomodando



Saulo Roberto Garlippe, que a exemplo da irmã também foi perseguido. Ele foi a última pessoa da família a se encontrar com Tuta

à medida que a economia, aparentemente, melhorava.

Luiza nasceu em Araraquara no dia 18 de outubro de 1941 e era a filha mais velha de Armando e Durvalina Garlippe. Oito anos depois, o casal teve mais um filho, Saulo. Tuta estudou no Pedro José Neto, depois no Ieba. Perdeu dona Durvalina aos 10 anos e o caçula, com apenas 2, acabou enxergando na irmã mais velha o papel da mãe que falecera.

Três anos depois, Armando Garlippe se casou novamente com a jovem Acary e teve mais 4 filhos: Armando, Adilson, Marli e Marai: todos foram criados em Araraquara.

Uma família que se viu obrigada a romper os laços com a primogênita quando, aos 19 anos, ela foi aprovada na Escola Superior de Enfermagem da USP e se mudou para São Paulo. Começou a cursar em 1961 e se formou em 1964. Foi trabalhar no Hospital das Clínicas e ocupou

o cargo de enfermeira-chefe do Departamento de Doenças Tropicais, assunto em que se especializou, inclusive fazendo viagens para o Acre e o Amapá na época. Ajudou a construir a Associação dos Funcionários do Hospital das Clínicas (HC).

O irmão Saulo resolveu então seguir os passos da irmã e se mudou para a capital para cursar Engenharia na FEI, em São Bernardo do Campo. Na época, Tuta já fazia ativa militância no PCdoB. No partido, seu apelido era Tuca.

Nessa época, o pai Armando Garlippe faleceu em Araraquara. Já formada numa profissão considerada pelo partido como estratégica para servir no Araguaia e namorada de outro militante, Pedro Alexandrino Filho, o Peri, Tuta foi no começo dos anos 70 para a região do rio Gameleira, no Araguaia, junto com seu companheiro. Lá atuava também como parteira entre os moradores da re-

gião de Xambioá.

“Quando minha irmã foi para a guerrilha, ela me falou que estava indo fazer um trabalho militante no Araguaia, mas me pediu para eu cuidar da nossa família, para inventar uma mentira sobre a sua ausência para não preocupar e expor a sua família. A preocupação dela era proteger nossa família. Mas eu também militava no partido e, em abril de 1973, foi decretada minha prisão preventiva. Para Araraquara eu não podia voltar mais, porque minha irmã estava sendo procurada e já tinha uma vigilância ao redor da casa da minha família. Fiquei na clandestinidade em São Paulo e uns quatro anos sem voltar para casa em Araraquara”, relata Saulo Garlippe, que pela sua militância no PCdoB também foi perseguido pelos militares na época.

Saulo conta que encontrou Luiza pela última vez em 1971, em frente ao Cine Joia. Ela não disse para onde ia, apenas pediu novamente para que ele cuidasse da família. “Recebi uma carta um ano depois, na qual ela contou que estava vivendo como camponesa. O partido pediu para queimar a carta, por segurança”.

Depois disso, foram anos sem ter notícia de Luiza e de Pedro Alexandrino. E mesmo militando no PCdoB, Saulo conta que não obteve qualquer privilégio de informação sobre os acontecimentos do Araguaia.

**REVELAÇÃO** – A realidade de completo desconhecimento sobre o destino de Luiza perdurou por três anos na família Garlippe. Em 1974, Saulo foi procurado por um militante do PCdoB que revelou que ela havia morrido durante o conflito. Peri teria desapareci-

## saiba mais

## MAJOR CURIÓ ADMITIU PARTICIPAÇÃO NA MORTE DE TUTA

Apesar de Saulo Garlippe ter sido informado sobre a morte de sua irmã por um militante do PCdoB, foi somente em 2006, por meio de uma matéria da revista *Playboy*, que a família tomou conhecimento de mais detalhes sobre o assassinato de Luiza.

A reportagem conta a história de Sebastião Rodrigues de Moura, o major Curió, hoje coronel da reserva, militar comandante da operação Sucuri, no Araguaia, que derrubou o movimento e resultou na prisão, tortura e morte de muitos guerrilheiros. O militar, que era capitão à época, é tido na história como o principal carrasco da guerrilha. Na matéria, ele admite ter participado da emboscada que culminou na morte de Dinalva Oliveira Teixeira, a Dina, e de Tuta Garlippe. A ação, diz o texto, ocorreu na madrugada de 25 de julho de 1974, em Marabá. "Elas estavam tentando fugir da região e eu comprei de um mateiro o relógio que Dina estava tentando vender para financiar a fuga", relatou Curió à revista. Depois, ele disse ter combinado com ele a hora e o local da emboscada: à meia-noite na ponte do rio Itacaiúnas. O major admite na matéria ter atirado em Dina, que tinha 29 anos, enquanto um tenente teria matado Tuta, 32. Segundo ele, ambas foram as últimas militantes a tombar na guerrilha.

Sobre os destinos dos corpos, ele não deu detalhes, mas documentos das forças armadas revelados na década de 90 afirmam que muitos foram enterrados na selva pelos militares. Muitos anos mais tarde, foram feitas várias escavações na região do Araguaia, encontraram ossadas, mas a família de Tuta, até hoje, não sabe onde estão seus restos mortais.



Foto: internet

Sebastião Rodrigues de Moura, o Major Curió, hoje coronel da reserva

Três anos depois dessa reportagem à revista *Playboy*, o major Curió decidiu abrir seu arquivo de crimes guardado por anos.

Em outubro de 2015, em um depoimento inédito à Justiça Federal, ele revelou que matou outros dois prisioneiros no Araguaia no início da década de 70, mas não mencionou as mortes de Tuta e Dina. Embora o militar esteja amparado pela anistia, as revelações dos seus depoimentos nortearam várias decisões da Justiça a respeito das buscas de desaparecidos. O major Curió vive hoje em Curionópolis, no sul do Pará (PA), cidade que ele mesmo criou na década de 80, quando controlava o garimpo de ouro em Serra Pelada.

do em 4 de agosto de 1974.

"Minha família não sabia o que estava acontecendo de verdade e eu, como não tinha como vê-los, não podia contar o desaparecimento da Tuta por telefone. Só contei em 1977, mas não foi fácil convencê-los, sobretudo os irmãos, de que a Tuta havia morrido no meio da guerrilha".

O sentimento da família Garlippe era o mesmo de tantas outras que perderam contato com seus entes naquela época. Restou às famílias a esperança de que eles iriam retornar, mas à medida que os anos foram passando e as notícias foram ficando escassas, as esperanças do retorno foram diminuindo.

Para Saulo, a maior transformação ocorrida em sua família e assumida



Dois momentos de Tuta Garlippe: com amigas (centro) em Araraquara e de férias na praia

pelas novas gerações foi o despertar do espírito de criticidade. Ele ressaltava ainda, orgulhosamente, que há o reconhecimento do valor da irmã desapa-

recida e que seus sobrinhos, por consequência, tornaram-se defensores da luta de Luiza Garlippe.

Além dela, que foi morta pelo re-